



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**EMERSON CRISTIAN DE AQUINO
FABIO FERNANDES DE PAULA
LANNO VINÍCIUS SILVA DE SOUSA**

**FUTEBOL E CLASSES SOCIAIS: O USO DAS ARENAS ESPORTIVAS NA CIDADE
DE MACAPÁ**

**MACAPÁ – AP
2014**

FUTEBOL E CLASSES SOCIAIS: O USO DAS ARENAS ESPORTIVAS NA CIDADE DE MACAPÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado Pleno em Ciências Sociais, orientado pelo Prof. Dr. Manoel de Jesus de Sousa Pinto.

**MACAPÁ – AP
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

796.33498116

A657

Aquino, Emerson Cristian de.

Futebol e classes sociais: o uso das arenas esportivas na cidade de Macapá / Emerson Cristian de Aquino, Fabio Fernandes de Paula, Lanno Vinícius Silva de Sousa -- Macapá, 2014.

31 p.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, Curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Manoel de Jesus de Sousa Pinto.

1. Esportes. 2. Futebol – História. 3. Futebol – Aspectos sociais – Macapá (AP). 4. Socialização. 5. Estádios – Macapá (AP). I. Paula, Fabio Fernandes de. II. Sousa, Lanno Vinicius Silva de. III. Pinto, Manoel de Jesus de Sousa, (orient). IV. Fundação Universidade Federal do Amapá. V. Título.

Bibliotecário:

CRB:

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (**Lei nº 9.610/98**) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

EMERSON CRISTIAN DE AQUINO
FABIO FERNANDES DE PAULA
LANNO VINÍCIUS SILVA DE SOUSA

**FUTEBOL E CLASSES SOCIAIS: O USO DAS ARENAS ESPORTIVAS NA CIDADE
DE MACAPÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado Pleno em Ciências Sociais, submetido à Banca Examinadora composta pelos Professores:

Prof. Dr. Manoel de Jesus de Sousa Pinto (Orientador)
Instituição: UNIFAP

Prof. Esp. Rauliette Diana Lima e Silva (Examinador)
Instituição: UNIFAP

Prof. Msc. Luciano Magnus de Araújo (Examinador)
Instituição: UNIFAP

Apresentado em: ___/___/2013

Nota: _____

A todos que contribuíram de alguma forma para a nossa formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento Emerson Aquino

Agradeço a minha mãe e meu pai por sempre acreditarem em mim, mais do que qualquer outra pessoa. A minha filha, minha maior fonte de inspiração. É por você, Laís Furtado de Aquino, que respiro cada segundo. As minhas irmãs Joyce Aquino e Jacqueline de Lima por todos os momentos juntos. Ao amor da minha vida Andréia (antes e depois). Aos meus sobrinhos e seus sorrisos encorajadores. A todos os meus familiares, e amigos, pois vejo em vocês satisfação por minhas vitórias.

Agradecimento Lanno Vinicius

Agradeço a minha mãe Ana Luiza, a minha avó Luzia Silva de Souza, que não mediram esforços na minha criação e sem elas isso não seria possível, aos meus irmãos Sonalie e Lisandro, as minhas filhas Lanna Sophia e Ana Clara e meu sobrinho João Pedro que são minhas inspirações para os desafios da vida. E a minha mulher Salete Rodrigues que eu amo muito, que sempre me incentivou nos momentos mais difíceis.

Agradecimento Fábio Fernandes

Agradeço a Dolores Fernandes (mãe guerreira), aos colegas e professores do bloco C.

Agradecemos aos professores: Manoel de Jesus de Sousa Pinto (nosso orientador), Rauliette Diana Lima e Silva, Luciano Magnus de Araújo e Richard Douglas Coelho Leão, que tivemos o privilégio de tê-los como professores no curso de Ciências Sociais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: CAMINHOS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA -----	06
2 A ORIGEM DO FUTEBOL NO BRASIL: UM OLHAR HISTÓRICO E SOCIOLÓGICO -----	08
3 FUTEBOL E IDENTIDADE SOCIAL -----	12
4 FUTEBOL E IDENTIDADE LOCAL EM MACAPÁ (AP): RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO -----	15
4.1 PROCESSO DE EXPANSÃO DE MACAPÁ -----	15
4.2 A ASSOCIAÇÃO DE CASADOS E SOLTEIROS DO BAIRRO BRASIL NOVO E LIBERDADE - ACSBL -----	18
4.3 ASSOCIAÇÃO DOS SOLTEIROS, CASADOS E VETERANOS DO ZERÃO-----	20
4.4 ASSOCIAÇÃO DOS SOLTEIROS E CASADOS DO BAIRRO DO TREM -----	22
5 CONCLUSÃO -----	24
5 REFERÊNCIAS -----	25

FUTEBOL E CLASSES SOCIAIS: O USO DAS ARENAS ESPORTIVAS NA CIDADE DE MACAPÁ

EMERSON CRISTIAN DE AQUINO¹
FABIO FERNANDES DE PAULA²
LANNO VINÍCIUS SILVA DE SOUSA³

RESUMO

Este estudo faz uma análise da utilização das arenas esportivas na cidade de Macapá (AP) por parte da população dos bairros do Brasil Novo, Trem e Zerão, que apresentam como prática esportiva predominante o futebol. O futebol é um esporte que inicialmente era praticado por uma elite no país e foi se popularizando ao ponto de ser chamado de “país do futebol” nos dias atuais. Elemento de socialização que agrega as massas, principalmente as mais pobres em torno das tradicionais “peladas”, o futebol é praticado em “campinhos” improvisados em terrenos baldios ou em arenas construídas pelo poder público, que são entregues para as Associações de bairros ou para as Associações ligadas ao futebol, o que confere uma quase exclusividade para a utilização das arenas e, ao mesmo tempo, engessa outras possibilidades de práticas esportivas. Baseado em literatura especializada e acrescido de pesquisa de campo nos bairros supracitados, chega-se a conclusão que os espaços construídos, as arenas, são enclaves implantados pelo Estado para alegar que realizam políticas públicas de esporte e inclusão, mas que são abandonados a própria sorte e inviabilizam o real desenvolvimento dos esportes no Amapá.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Identidade. Socialização. Políticas Públicas.

ABSTRACT

This study analyzes the use of sports arenas in the city of Macapa (AP) by the population of the neighborhoods of Brasil Novo, Trem e Zerão, which have the predominant sports practice football. Football is a sport that was originally practiced by an elite in the country and has become more popular to the point of being called "football country" today. Element of socialization that aggregates, mainly the poorest around the traditional "peladas" off the masses, football is played in "campinhos" improvised on vacant lots or in arenas built by the government, which are delivered to the Associations of neighborhoods or Associations connected with football, which gives an almost exclusively for the use of arenas and at the same time, paralyzes other possibilities for sports. Based on literature and field research plus the aforementioned neighborhoods, one reaches the conclusion that the constructed spaces, arenas, enclaves are deployed by the state to carry out public policies argue that sport and inclusion, but are left to their own devices unfeasible and the actual development of sports in Amapá.

KEY WORDS: Soccer. Identity. Socialization. Public Policy.

¹ Aluno do curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá.

² Aluno do curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá.

³ Aluno do curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá.

1 INTRODUÇÃO: CAMINHOS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

O futebol é hoje um produto da paixão nacional e um esporte de massa que ainda é pouco explorado pelo universo acadêmico.

Quando nos propomos a construir esta pesquisa, nos questionamos sobre as diferenças existentes nos espaços destinados as praticas esportivas de cada bairro em Macapá, é importante compreendermos a importância social do esporte como ferramenta de integração social. Um dos fatores que mais nos chamou a devida atenção foi a presença de algumas contradições e universalizações nos processos de socialização que se fazem presentes nas “arenas” de futebol e nos “campinhos” de pelada. Para iniciarmos o nosso entendimento, vamos definir uma diferença fundamental entre o Futebol amador e as “peladas”.

O Futebol amador é muitas vezes trabalhado como “futebol de várzea”, termo bastante utilizado nacionalmente, tanto no meio urbano, quanto no meio rural para definir a prática esportiva feita de forma amadora e que procura manter uma estrutura que se espelha no futebol profissional. É muito comum nos bairros dos grandes centros percebermos a existência deste tipo de organização onde os times, em geral, contam com uma diretoria, presidência, diretoria técnica – alguns deles, inclusive, com registro em cartório.

Na nossa realidade de pesquisa, na cidade de Macapá (AP), percebemos que muitos desses possuem uma sede, mesmo que esta seja na casa do presidente e que os melhores jogadores são selecionados para treinos permanentes visando a participação em torneios por todo o estado. Alguns times possuem torcida organizada com charangas, gritos de guerra, hinos e uniformes padronizados, além de disputar torneios e campeonatos organizados por ligas amadoras e pelo poder executivo, onde algumas destas competições são regidas pelas regras da FIFA, ou seja, as mesmas do futebol profissional. Na falta dos campos gramados (que são poucos), cada bairro da cidade possui uma “arena”, que funciona ao mesmo tempo como centro de treinamento, campo dos torneios, sede e espaço de socialização.

A prática da “pelada” caracteriza-se principalmente pela espontaneidade na organização dos jogos - mormente realizados entre amigos ou vizinhos e moradores de um mesmo bairro, e pelas alterações nas regras do *Football Association*, como, por exemplo, a quantidade de jogadores, o não uso de material esportivo, ausência ou não de árbitros, etc. A “pelada”, assim como o futebol amador, está situada no tempo social

do não-trabalho no meio urbano, pois os jogos ocorrem, sobretudo, nos finais de semana. Para jogar uma “pelada” três itens são indispensáveis: bola, terreno e, claro, os jogadores. Os outros itens podem ser dispensáveis de acordo com os recursos (ou a falta destes): uniforme, chuteiras, caneleiras, traves, redes, árbitros, iluminação. Nas cidades onde é preciso alugar ou negociar um espaço para a “pelada”, um ou mais jogadores ficam responsáveis por esta atividade e quem organiza a “pelada” também participa dos jogos.

Sentíamos a necessidade de um vigoroso trabalho de campo, pois considerava indispensável o mergulho em campo que ainda é pouquíssimo explorado pelas ciências sociais. Assim, uma das opções adotadas foi a descrição que possibilitasse um conhecimento do futebol amador e das “peladas”, contemplando tanto sua organização e/ou estrutura, quanto à prática do jogo. Um dos riscos de tal empreendimento foi exatamente o surgimento de uma multiplicidade de dados difíceis de serem analisados com o devido rigor científico.

Ao mesmo tempo, diante da carência de trabalhos envolvendo o futebol amador e as “peladas”, considera-se essencial que os diferentes elementos dessas práticas fossem apresentados. Durante a investigação de nosso trabalho de construção deste artigo, percebeu-se, no universo das “arenas” e dos “campinhos” uma multiplicidade de elementos que ajudam a compor o imenso mosaico do futebol amador e das “peladas”, como por exemplo: as relações de gênero, o comércio informal, a relação dos times amadores com o poder público, a participação e o estatuto de jogadores profissionais em times amadores, a organização em ligas amadoras, dentre outros elementos da prática amadora do futebol e das “peladas” que requerem novos estudos e pesquisas.

Neste sentido, buscamos perguntas norteadoras que vieram a dar o devido suporte científico a esta pesquisa: Como e de que forma as “peladas” constroem relações de classe e sentimento de pertencimento ao bairro por parte dos indivíduos que a constituem? Quais as relações das associações de moradores com o poder público? De que forma este elemento funciona como uma possibilidade real de mudança social nos bairros de Macapá?

Para procurarmos responder a estas questões, partimos de leituras que trataram de categorias de análise e se correlacionaram com a temática e as ciências sociais, como Bourdieu, Elias, Hall e outros que, a despeito das divergências encontradas em seus arcabouços teóricos, possibilitam uma rica abordagem da temática proposta.

Ao longo deste trabalho, seguindo uma orientação socioantropológica e etnográfica, procuramos analisar o ponto de vista dos moradores das áreas pesquisadas como forma de ter uma melhor visão do universo da pesquisa.

2 A ORIGEM DO FUTEBOL NO BRASIL: UM OLHAR HISTÓRICO E SOCIOLÓGICO

O futebol brasileiro nasce das elites e rapidamente adquire popularidade nas várias classes sociais⁴, tornando-se uma das grandes paixões brasileiras. Durante esse processo, vai sendo praticado em diferentes figurações sociais, se adaptando ao cotidiano e ao crescimento das cidades.

Quando falamos em futebol amador nos referimos a uma figuração específica que se delineaia na realidade social. Deste modo, é possível perceber que não falamos em “o futebol”, mas, ao modo de Damo (2003), em “futebóis”. É nesta diversidade que situamos esta prática futebolística e buscamos compreender como ela se construiu historicamente.

De acordo com os dados oficiais, o futebol chega ao Brasil a partir do paulistano Charles Miller que, ao retornar da Inglaterra, em 1894, traz na mala “(...) um livro de regras do *association football*, uma camisa do *Banister School* e outra do *St. Mary*, duas bolas, uma bomba para enchê-las e um par de chuteiras” (MÁXIMO, 1999; SANTOS NETO, 2002, p. 18). Esta é considerada a história oficial, mas recentes estudos demonstram a multiplicidade para o início deste esporte no país. O trabalho de Santos Neto (2002) aponta para os tradicionais colégios paulistas e outras possibilidades são indicadas por Máximo (1999):

(...) os nascimentos não documentados, que nos falam de holandeses jogando bola nas areias de Recife em 1870, de ingleses improvisando rachas na praia da Glória carioca em 1874, dos marinheiros do Criméia fazendo o mesmo num capinzal próximo da residência da princesa Isabel em 1878, de funcionários de uma firma paraense de navegação enfrentando os de uma companhia de gás na Belém de 1890, além de empresários ingleses que muito antes, em 1876, já haviam ensaiado seus dribles no interior de São Paulo (MÁXIMO, 1999, p.180).

⁴ Tendo como referência o conceito de classes sociais, desenvolvido por Karl Marx (2013), que é definida objetivamente pela posição que a pessoa ocupa na estrutura de produção. Sendo duas opções possíveis. Ou se possuem os meios de produção e pertence à classe dominante, ou não possui os meios de produção e pertence à classe operaria. Determinando sua posição na hierarquia social e na estrutura de produção essa posição é que determina sua faixa de renda e não o contrário.

Convém reforçar que os fatos supracitados retiram a importância de Charles Miller para a introdução e difusão do futebol no Brasil, pois segundo Santos Neto (2002, p. 30): “o pioneirismo de Miller reside no fato de ter iniciado a prática do futebol dentro de um clube, estimulando os outros a praticá-lo também”⁵.

Vale lembrar que a entrada deste esporte no país se deu através das elites, sendo evidenciada por vários autores em diferentes cidades brasileiras: Pereira (2000) e Lopes (1998) no futebol carioca, Santos Neto (2002) no futebol paulista, Couceiro (2003) e Alves (1978) no futebol recifense, entre outros. Cada local com suas peculiaridades transformará os momentos do jogo em espaços de encontro da alta sociedade. Segundo Alves (1978):

Ele [o futebol] continuou tímido e vagaroso durante 04 anos, ao longo dos quais somente três clubes jogavam: *Sport*, *Great Western* e *Western Telegraph*. Os encontros pareciam mais sociais do que esportivos. Terminado um jogo, fosse qual fosse o resultado, os jogadores saíam incorporados ao “*buffet*”, bebiam a vontade, cantavam, davam “hurras” e depois se dispersavam (ALVES, 1978, p. 22).

Ainda segundo Alves (1978), esse tipo de movimento, de ordem mais classista, não durou mais de uma década, ganhando em pouco tempo outros espaços. Nas várias cidades do país, tendo passado o período de estranhamento que “onze homens correndo atrás de uma bola” trazia, com sua apropriação pelas elites e a criação de um discurso sobre os esportes como boa prática para conservação do corpo saudável, o futebol logo se espalhou pelas áreas mais pobres das cidades.

No Rio de Janeiro, esse processo terá início pelos locais próximos aos clubes tradicionais⁶, chegando em pouco tempo ao subúrbio. Num primeiro momento, as famílias mais ricas destes bairros mais distantes irão apropriar-se desta prática, com a realização de espetáculos públicos ao ar livre pelas cidades e em pouco tempo outros

⁵ Vale ressaltar que, por outro lado, a difusão do futebol no Brasil teve vários agentes e rotas bem distintas. Segundo Jesus (2000), a difusão espacial do futebol está diretamente relacionada ao imperialismo inglês e sua grande área de influência cultural. Desta forma, marinheiros, técnicos de ferrovias ou operários de minas, professores dos estabelecimentos educacionais das colônias inglesas, jovens bacharéis egressos das universidades europeias e missionários europeus são alguns dos possíveis agentes difusores desse esporte. Num território vasto como o Brasil, isso implica também na diversidade de lugares que começaram a praticar o futebol quase que simultaneamente (Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belém), mesmo com velocidades diferentes na adoção e popularização deste esporte.

⁶ Country-clubes e clubes de regatas (remo) que deram origem aos primeiros times de futebol do Rio de Janeiro.

agentes surgem para utilizar o futebol como prática de lazer: a camada popular (PEREIRA, 2000).

Na cidade de Macapá, por exemplo, este processo se dará de forma semelhante – guardadas as peculiaridades de tempo e desenvolvimento de cada cidade, pois quando o futebol chegou ao extremo norte do país, veio junto com os trabalhadores ligados aos grandes projetos da Amazônia e, em caso mais específico da nossa realidade de campo, com a chegada da exploração do manganês no Território Federal a partir da implantação da ICOMI⁷. Essa apropriação pelos “novos agentes” evidenciará claramente a desigualdade social e o preconceito da época, como nos aponta Santos Neto (2002) na cidade de São Paulo:

Para os primeiros jornalistas esportivos, assim como para os primeiros dirigentes, havia o “grande futebol”, o das elites, e o “pequeno futebol”, dos times de várzea. Uns eram os dignos representantes do nobre esporte bretão, e os outros não estavam à altura do reconhecimento oficial e da igualdade na forma de tratamento. Os times populares eram vistos como brutos, incapazes de seguir as regras de conduta do futebol e dos *gentlemen* ingleses, e por várias vezes foram até mesmo ridicularizados pelas folhas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto, sendo chamados de “canelas negras” (SANTOS NETO, 2002, p. 53).

Outro ponto interessante dessa diferenciação de classe encontramos nas análises de Pereira (2000), como a restrição expressa nos estatutos dos clubes cariocas com relação a participação de negros e pobres. Além disso, os valores altos cobrados para participação nos clubes já eram delimitadores de classe.

Este período, claramente elitista, produz um processo de ressignificação por outros agentes, como nos mostram Pereira (2000), Santos Neto (2002) e Couceiro (2003), a partir da criação de um sentimento esportivo miscigenado com as antigas e novas práticas esportivas do país e ainda não submetidas à profissionalização. Desta forma, o futebol que chega ao Brasil, com regras prontas que uniformizam não só a dinâmica do jogo, mas suas condições de espaço, tempo e material, será praticado predominantemente como forma de divertimento.

Tal sentido não é atribuído ao acaso. Segundo observação de Santos Neto (2002) e Couceiro (2003), este sentido de prática futebolística será característica de um momento de resistência a mudanças no equilíbrio de poder que será evidenciado também pelas atividades de lazer. Os times “suburbanos” e “pequenos” destacados por

⁷ Indústria e Comércio de Minérios Ltda.

alguns autores como populares correspondem, na verdade, a uma nova elite que emerge as margens do *status* senhorial. Fruto das novas configurações nos campos⁸ social e econômico brasileiros, essa nova elite em que prevalecem os valores relacionados à busca da riqueza e ao acúmulo do lucro, serão menos resistentes a mudanças no campo esportivo que privilegiem esses valores em detrimento daqueles de manutenção de uma distinção de classe⁹.

Porém, esta forma de divertimento terá sua crise entre os anos 1920 e 1930. O chamado “amadorismo marrom” já era visto em vários clubes através de recompensas e empregos. Os jogadores dos times menores que se destacavam (inclusive negros e mestiços¹⁰) começam a ser admitidos nos times grandes, assim como nos selecionados estaduais e brasileiro (SANTOS NETO, 2002; LOPES, 1994, 1998; PEREIRA, 2000), o que indica uma mudança de visão sobre a prática e o início da profissionalização no país.

Pereira (2000) nos indica que houve uma profunda alteração nos valores do futebol brasileiro, a qual estaria sendo alimentada pelo “profissionalismo oculto”, mantendo sob a aparência dos princípios amadores equipes constituídas em grande parte por jogadores remunerados. A ida de jogadores brasileiros para times do exterior em busca de reconhecimento profissional e melhor remuneração¹¹ e a inclusão do jogador de futebol entre as profissões que deveriam ser regulamentadas pela legislação trabalhista no Governo Vargas podem ser considerados marcos anunciadores do profissionalismo no Brasil.

⁸ Para este trabalho, utilizamos o conceito de campo desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para o estudo de práticas culturais distintas como a ciência, a arte, a alta costura e o próprio esporte, mas que mantêm entre si como fenômenos sociais, simultaneamente, autonomia e dependência. Segundo o autor, trata-se de um espaço social constituído de regras, onde instituições ou indivíduos estão em disputa pelo mesmo objeto e existe uma constante relação entre si e com os outros campos; ao mesmo tempo que possui leis gerais – que podem ser encontradas em todos os campos – possui suas especificidades a partir das relações, posições e interesses dos indivíduos que os compõem (BOURDIEU, 1983; 1990).

⁹ É importante ressaltar que tratamos aqui de elementos de predominância. A busca da riqueza também era feita pelas elites aristocráticas, mas somente até o limite em que não pudessem ferir os preceitos que lhe conferiam distinção de classe. Esse limiar vai variar de figuração para figuração e transformar-se ao longo da história.

¹⁰ A presença dos negros e mestiços será alegada, por muito tempo, como a razão dos defeitos e derrotas que o futebol brasileiro vai ter (confirma LOPES, 1998). Segundo NEGREIROS (2003): “Ao mesmo tempo que o futebol foi perdendo seu caráter branco e elitista, veio o seu desprestígio social. A essas elites só restou desdenhá-lo como uma manifestação da irracionalidade, do atraso, da desordem, da violência, da ausência de caráter educativo. Em última análise, demonstrava-se a capacidade de o futebol estar nas mãos dos setores populares” (p.4).

¹¹ Franco Júnior (2007) tece uma lista destes jogadores: “Fausto (1931, Barcelona), Leônidas (1931, Peñarol), Tupi, Vani, Ramon, Teixeira e Petronilho (1931, Lazio), Ministrinho (1931, Juventus), Rato e Filó (1932, Lazio) – este último se tornaria campeão mundial jogando pela Itália na Copa de 1934 – e Domingos da Guia (1933, Nacional do Uruguai) (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.75-76).

O novo sentido que anos antes o futebol – e outros esportes – adquiriam na Inglaterra e Europa de forma geral passou a se consolidar no Brasil. O *ethos* amador dava lugar agora a um *ethos* profissional fazendo com que paulatinamente o campo dos esportes passasse a estabelecer relações cada vez mais fortes com o campo do trabalho institucionalizado.

Há, a partir da profissionalização deste esporte, uma ênfase nas figurações profissionais. Deslocadas das práticas das novas elites do país, as figurações amadoras passam a vigorar socialmente como elemento secundário - de suporte ou reflexo do futebol profissional. Sob novas configurações sociais e em consonância com os significados construídos e atribuídos ao futebol, elas seguem seus percursos no processo de desenvolvimento deste esporte ocupando novos espaços e sentidos no campo futebolístico brasileiro.

3 FUTEBOL E IDENTIDADE SOCIAL

Com a modernidade cada vez mais crescente, o futebol, como uma prática de cunho social sofre profundas transformações a partir da segunda metade do século XX, principalmente com o fortalecimento de competições em nível internacional como a Copa do Mundo¹² e o Mundial de Clubes¹³.

O mundo moderno sofreu um boom de transformações socioculturais que possibilitam traçar um novo panorama investigativo sobre a estruturação do futebol no quadro social contemporâneo. Neste sentido, percebe-se a necessidade de compreender os novos modelos que sustentam essa sociedade.

Esta sociedade “moderna” ou “pós-moderna” pode ser chamada de “sociedade globalizada” (ROBERTSON, 2000, p. 42). No entanto, sabemos que as nuances figuradas vão apontar para qual aspecto está em foco na descrição, variando desde processos sobre informação à questão econômica, passando pela questão das identidades culturais (HALL, 2003).

¹² Competição organizada pela FIFA desde 1930 (Uruguai), cuja edição atual será realizada no Brasil neste ano.

¹³ Primeiramente organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e pela União Europeia de Futebol Associado (UEFA), primeiramente era organizada em jogos de ida e volta entre o campeão da América do Sul e o campeão Europeu. A partir de 1980, passou a ser organizada no Japão, com o patrocínio de uma empresa automotiva (Toyota), sob o nome de torneio intercontinental. Em 2000, passou a ser organizada sob a chancela da FIFA e, desde 2005, vem sendo realizada em países com pouca tradição no futebol como Abu Dhabi, Marrocos e Japão, com a participação dos campeões dos cinco continentes e o campeão do país local.

Independente do conceito utilizado, a sociedade está inegavelmente adentrando um patamar mundializado. As nações não vivem mais isoladas devido às diversas configurações da geopolítica atual. Não há como se isolar sem riscos. Essa distensão do local para o global merece ser abordados por um fenômeno cultural é parte integrante da arena em que esses próprios conceitos são forjados ou questionados: o esporte, ou especificamente o futebol.

O futebol enquanto espetáculo esportivo opera com mecanismos de linguagens que facilitam sua comercialização e aceitação mundializada. Essa aceitação é condicionada por representações simbólicas que permitem sua compreensão globalizada, tornando-as mundialmente inteligível.

Essas representações que caracterizam o futebol desde sua gênese aristocrática, ocidental e masculina, dialogam com enorme visibilidade na democratização e aumento do seu público de praticantes e espectadores em todo mundo. Notadamente, não é espantoso o fato em que a FIFA – entidade máxima no futebol – conta com a filiação de 208 países, enquanto a ONU – Organização das Nações Unidas – possui 192 países filiados, o que representa uma significativa expansão da geopolítica do futebol. Nesse sentido, sua importância enquanto veículo de consolidação e afirmação de identidade nacional coloca-se como elemento-chave para compreensão desses mecanismos de diálogos que têm marcado a sociedade contemporânea, apoiado nas condições históricas, pautados pela penetrabilidade social que ambos transcrevem sob os signos da modernidade.

O conceito de identidade tem sido veemente discutido no âmbito das ciências sociais ao longo dos anos. A discussão tem gravitado em torno das análises filosóficas, antropológicas, psicológicas e sociológicas, e, com isso, suas definições têm apresentado um olhar multidisciplinar. Nas palavras de Gilroy (2007, p. 125), “a identidade nos ajuda a compreender a formação daquele pronome perigoso: “nós”, e a levar em conta os padrões de inclusão e exclusão que ela cria mesmo sem querer”.

Na perspectiva dos estudos culturais, a identidade é relacional, está vinculada às condições sociais e materiais - a questão da inclusão e exclusão -, aos sistemas classificatórios, é fluida e polissêmica, é construída e sustentada pelos processos sociais e simbólicos e envolve reivindicações essencialistas.

Segundo Woodward (2000), umas das discussões centrais relacionados à identidade polariza-se entre as perspectivas essencialistas e não-essencialistas. A primeira afirma ser a identidade unificada, imutável, fixa, que não se altera com o

passar do tempo, como era o pensar Iluminista sobre o sujeito. Corroborando com o autor, Stuart Hall (2003, p. 10) aponta que "o sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado". Ainda de acordo com autor, a segunda, destaca-se pelo enfoque pós-moderno que afirma ser a identidade não permanente, mas uma realidade processada e transformada sistematicamente.

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de varias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais 'lá fora' e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as 'necessidades' objetivas da cultura, estão entrando em colapso, com resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2003, p. 12).

A modernidade tardia, termo compartilhado por Giddens (1990) e Hall (2003) para referirem-se à sociedade atual, tem se caracterizado pelas seguintes palavras e idéias: "identidade" e "crise de identidade". Giddens (1990) optou pelo nome modernidade tardia para evitar os muito "pós" usados atualmente. Para Bhabha (1998), hoje em dia o prefixo "pós" é colocado indiscriminadamente à frente de tudo, sem que adquira necessariamente algum significado. Além disso, Giddens (1990) acreditava que ainda estivéssemos na modernidade, preferindo referir-se à dita fragmentação pós-moderna como a "difusão extensiva das instituições modernas".

No entanto, o autor considera que o fenômeno da globalização é um dos fatores desestruturadores da identidade que também acabou por lançá-la em um contexto de crise. Woodward (2000, p. 20) diz que "a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas".

O processo de globalização aparece como um dos fatores responsáveis pelo processo de deslocamento dessa ideia de identidade nacional, uma vez que, diante de tal realidade, o nacional parece diluir-se (PEREIRA, 2004). Todavia, o nacional não são apenas as fronteiras: "uma cultura nacional é um discurso" (HALL, 2003, p. 50). A nação, portanto, faz sentido porque tem seu sentido narrado por memórias capazes de conectar presente, passado e futuro. Assim percebe-se que a dinamização e a mudança contínua das sociedades modernas são aspectos peculiares que lhes distinguem das

sociedades tradicionais. Nesta, exalta-se o passado e engrandecem os seus símbolos visto que os mesmos trazem em si a experiência de gerações e a tornam sucessivas.

Nesse sentido, podemos nos debruçar sobre a valiosa contribuição do historiador Eric Hobsbawn (1997) para exemplificar esse discurso. Segundo o historiador, a tradição inventada permite uma identificação com algo que não seria tão tradicional, mas que se faz passar por tal e consegue organizar uma idéia e um discurso em torno de si. Essa tradição inventada (ou retorno simbólico ao passado) mobiliza as pessoas para que purifiquem suas fileiras e expulsem os outros que ameaçam a identidade nacional. Já nas sociedades modernas, as práticas sociais são processadas e reprocessadas à luz das novas informações repassadas que acabam por alterar seu caráter.

Um exemplo da interferência direta da globalização nas identidades é o futebol. Configurado pela abertura do mercado global, os jogadores acabam por se espalhar pelo mundo gerando um forte impacto tanto em seus países de origem bem como sobre os países que os acolhem. O fenômeno da migração acaba produzindo identidades plurais e gerando um processo nada igualitário em relação ao desenvolvimento. Nesse processo as identidades acabam sendo modeladas e localizadas em lugares diferentes, fazendo surgir assim novas identidades que em hipótese alguma podem ser admitidas como não desestabilizáveis e não desestabilizadoras. Para Gilroy (2001), algumas dessas identidades destituídas de "pátria" e não provenientes de uma única fonte são melhores compreendidas quando observadas a partir do conceito de diáspora, que esta acaba por produzir uma hibridização cultural.

Sob a idéia-chave de diáspora, nós poderemos ver não a "raça", e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem (GILROY, 2001, p. 25).

Ainda de acordo com o autor, os cruzamentos de fronteiras acabam por produzir deslocamentos contestadores e produtores de identidades. Assim, a diáspora seria uma representação simbólica das lutas políticas que objetivam definir as comunidades locais como distintas e inseridas em contextos históricos de deslocação.

4 FUTEBOL E IDENTIDADE LOCAL EM MACAPÁ (AP): RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

4.1 PROCESSO DE EXPANSÃO DE MACAPÁ

O Território Federal do Amapá foi criado pelo Decreto Presidencial nº. 5.812, de 13 de setembro de 1943, pelo então presidente Getúlio Vargas. A criação do Território se deu em função de dois fatores: o primeiro ocorreu para que houvesse áreas que servissem para proteger as fronteiras brasileiras, no qual essa preocupação teve o intuito de proteger o território brasileiro garantindo assim a soberania sobre as terras conquistadas por Portugal. O segundo fator ocorreu devido à descoberta de grande quantidade de jazidas de manganês encontradas na região de Serra do Navio que na época foi explorada através da implantação da Indústria e Comércio de Minérios S/A – ICOMI. Esta empresa explorava o manganês para atender as indústrias siderúrgicas brasileiras, bem como a diversos países, como os Estados Unidos da América. A condição de Território Federal permitia ao Presidente da República escolher quais seriam os governadores, não havendo, portanto, a escolha através do voto democrático, uma vez que, segundo Moraes e Rosário (1999):

O território do Amapá, em 1943, foi criado nos moldes norte-americanos com uma administração sedimentada no arcaico e ultrapassado paradigma das Capitânicas Hereditárias, logo, o Amapá - Território foi um “departamento”, uma área de domínio do capital internacional sob os auspícios de um regime de coerção social. (MORAES; ROSÁRIO, 1999, p. 13).

Segundo Rodrigues (2002, p. 21), o estado do Amapá localiza-se no extremo norte do Brasil, é atravessado pela linha do Equador, ocupa uma área de 143.716 Km², o que corresponde a 3,9% da Região Norte e 1,65% da área nacional.

Ainda de acordo com Rodrigues (2002, p. 23), o Estado do Amapá limita-se ao Noroeste com a Guiana Francesa, através do Rio Oiapoque e com a República do Suriname; a Nordeste com o Oceano Atlântico; à Sudoeste com o Estado do Pará, através do Rio Jarí e a Sudeste com o Rio Amazonas.

O estado atualmente está subdividido em 16 municípios: Santana, Laranjal do Jarí, Porto Grande, Oiapoque, Calçoene, Pedra Branca do Amaparí, Serra do Navio, Amapá, Ferreira Gomes, Cutias do Araguari, Itaubal do Piriri, Pracuúba, Mazagão, Tartarugalzinho, Vitória do Jarí e Macapá.

A capital do Estado do Amapá é chamada de Macapá. Ainda segundo Rodrigues (2002, p. 12) essa palavra tem origem tupi, que antes era conhecida como macapaba, ou seja, estância das macabas. Esse nome foi dado devido uma fruta muito comum na região de onde se extrai uma deliciosa bebida de cor acinzentada chamada de bacaba.

Em 04 de fevereiro de 1757, foi fundada a Vila de São José de Macapá, com a presença de várias autoridades na Praça de São Sebastião. Entre as autoridades presentes a mais importante foi a do Ouvidor Geral do Grão-Pará, o Desembargador Pascoal de Sobranches de Madeiras Fernandes. Naquele momento solene criava-se e instalava-se a nova vila cujo nome faz alusão ao hoje padroeiro da cidade, São José.

Ainda de acordo com Rodrigues (2002, p. 25), Macapá foi elevada à categoria de Cidade pela lei nº. 281 de 06 de setembro de 1856 e, em 31 de maio de 1944, foi eleita a capital do Território – hoje Estado do Amapá. Macapá também é conhecida como a capital do meio do mundo por ser a única cortada pela linha imaginária do Equador. Macapá possui, segundo a última estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE realizado em 2008 cerca de 405.000 habitantes em uma área geográfica de aproximadamente 24.730 km² e fica situada a margem esquerda do rio Amazonas.

A paisagem urbana atual de Macapá vem sofrendo inúmeras modificações. Os primeiros bairros de constituição urbana para além das cercanias da Fortaleza de São José surgiram na década de 50, como por exemplo, o Bairro do Forte, hoje o centro da cidade e a Área Comercial. Ainda nessa época houve a expansão da cidade nos sentidos sul e oeste. Desta forma, Bairro Central cresceu, dando origem a novos bairros como Santa Rita, Trem, Beírol e Laguinho. Na década de 60 houve a expansão da parte Noroeste, o que resultou no bairro Jesus de Nazaré; a norte o bairro do Pacoval e a Sudeste o bairro do Buritizal. A população destes bairros era constituída, segundo Rodrigues (2002, p. 27) por moradores “nativos” do lugar e por pessoas que vinham de outras cidades como a antiga capital, Amapá, cidades do interior do Território e ainda de algumas regiões do Pará.

Com a expansão populacional, novos bairros foram surgindo para absorver o contingente em constante crescimento, uma vez que a cidade estava localizada às proximidades das áreas de exploração de manganês de Serra do Navio. Surgem, então, as primeiras áreas de ocupação como o bairro Nova Esperança, área ocupada pelo remanejamento da “baixada” do Perpétuo Socorro e “baixada” do Elesbão, bem como grande parte da Zona Norte da cidade às margens da rodovia BR-156, foram se aglomerando grupos de famílias de baixa renda, seguindo uma ocupação desestruturada. Assim sendo, foram abertas ruas e definidas quadras e lotes para habitação, surgindo assim o bairro São Lázaro. Neste mesmo período – início da década de 1980 – e desta mesma forma surgiram os bairros Jardim Felicidade I e II e Novo Horizonte. A partir da

segunda metade da década de 80, o crescimento demográfico da cidade atingiu a região da Lagoa dos Índios. Nesta época surgiram os bairros do Muca, Congós e a segunda parte do Buritizal. Na década de 90 surgiram na zona Sul da cidade os bairros Jardim Equatorial, Jardim Marco Zero e Zerão que passaram a absorver a massa de migrantes oriundos dos êxodos rural e urbano¹⁴.

Nestes bairros, o poder público vem implantando, para interesse de nossa pesquisa, “arenas” esportivas que tem como prioridade a prática do futebol, em detrimento de outros esportes, que geralmente disputam outros espaços para a sua prática com o futsal dentro das quadras das escolas e igrejas, podendo ocupar também ruas menos movimentadas para realizar suas atividades esportivas.

Além disso, as arenas tornaram-se espaços onde as Associações trabalham mecanismos de troca política e busca de inclusão social como forma de garantir as políticas públicas dos governos de ocasião.

A pesquisa de campo foi realizada nos bairros Brasil Novo (Zona Norte), Zerão (Zona Sul) e Trem (Área Central), com as Associações que controlam estas respectivas arenas e os resultados da pesquisa de campo podem ser encontrados abaixo.

4.2 A ASSOCIAÇÃO DE CASADOS E SOLTEIROS DO BAIRRO BRASIL NOVO E LIBERDADE - ACSBL

A Associação de Casados e Solteiros do Bairro Brasil Novo e Liberdade – ACSBL, está localizada na rua Pinhal, sem número, dentro da área do IBAMA. Suas atividades iniciaram no começo dos anos noventa, quando da ocupação da área, localizada próxima a Área de Proteção Ambiental – APA do Curiaú, no governo do senhor Annibal Barcellos.

Apesar de ter iniciado suas atividades nos anos noventa, a Associação apresenta duas datas de fundação que são lembradas pelos membros como pontos iniciais: 04 de maio de 2002 (data em que a comunidade começou realmente a se organizar e a pensar a associação); e novembro de 2006, data em que pela primeira vez a associação foi

¹⁴ Quando nos referimos aos bairros da Zona Sul da cidade de Macapá, apresentamos uma divisão gerada pela concentração de renda, uma vez que os bairros Jardim Equatorial e Jardim Marco Zero são conjuntos habitacionais destinados a uma parcela da população de classe média a classe média alta, em sua ampla maioria composta por funcionários públicos e nos bairros Universidade e Zerão está concentrada a população de baixa renda.

registrada juridicamente e passou a existir de fato e de direito com estatuto, eleições do presidente por voto direto dos associados e CNPJ.



Figura 01: “Torre de Transmissão” dos Jogos da ACBSL.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2013-2014.

A primeira parte da associação teve como último presidente nomeado, o Sr Benedito, o “Dito”, e o primeiro Presidente da associação já registrada e eleito com os votos dos associados foi o senhor “Joca”.

A Associação realizava campeonatos de “pelada” desde antes de sua oficialização de forma esporádica até 2006, quando a entidade fixou três campeonatos anuais, que são: o campeonato de Masters, o campeonato de verão e o campeonato de inverno que em 2014 teve início no dia 08 de fevereiro do ano corrente contando com dez equipes todas elas formadas por moradores do complexo de bairros Brasil Novo formado pelos bairros Brasil Novo I e Brasil Novo II, Liberdade, Palmares e Invasão, tendo como partida inicial as equipes de Omã e Gaviões, tendo como resultado 9 a 2 para a equipe do Omã.

Para além desses campeonatos, funciona no espaço da associação uma escolinha de futebol comandada pelo preparador físico conhecido como Carlinhos (ex-jogador), que passou por diversos clubes profissionais do Amapá. Nos dias atuais, a escola é gratuita, funcionando com cerca de 50 crianças, de 08 a 13 anos. No início, a escolinha

teve apoio do governo do estado¹⁵ e nos dias de hoje funciona sem apoio institucional nenhum, apenas com doações esporádicas de comerciantes locais.

Os campeonatos também são realizados da mesma forma, com patrocínios pontuais de comerciantes locais, escolas de educação infantil privada, padarias e outras formas de comércio existente no complexo de bairros Brasil Novo. Apesar de existirem outros campos, nos bairros, todos de terra, o campo da associação ACSBL é o que reúne a maioria dos moradores da redondeza, por ter campeonatos mais organizados e em alguns tem equipes participantes de outros bairros da Zona Norte da cidade, tais como Boné Azul, Infraero I e II, e até mesmo de distritos de Macapá como Ilha Redonda, Coração e Igarapé do Lago.

O atual presidente é o senhor conhecido por “Tico”, que assumiu a presidência da associação em janeiro de 2013, sendo que o processo eleitoral ocorre a cada 02 anos e feita no mês de dezembro pelos associados adimplentes, que pagam uma mensalidade de R\$ 5,00.

Hoje na associação cadastrados existem mais de 200 associados, mas no início foram apenas 30. Todos os dias, a partir das 16 horas, os associados se reúnem no campo da associação para a “pelada” diária. Primeiro jogam os mais jovens com até 33 anos, e a partir das 17 horas entram em campo os “veteranos” que são os jogadores com idade a partir de 34 anos.

Essa confraternização tem a função de socializar e estreitar os laços entre os moradores do bairro, pois a ideia é que, com a proximidade dos moradores, principalmente dos jovens em situação de vulnerabilidade, possa haver uma redução na criminalidade do bairro, que vem crescendo gradativamente. Para o presidente da Associação, esse resgate é evidente para os moradores do bairro que já viram a transformação se alguns jovens depois que começaram a frequentar as escolinhas da ACSBL.

A escolinha acaba por funcionar como o principal projeto social para o bairro, pois é cobrada a frequência e as notas dos alunos nas escolas da localidade, lembrando a importância de muitas vezes ser a única forma de diversão dos garotos e de ocupação dos mesmos enquanto as mães e pais trabalham.

4.3 ASSOCIAÇÃO DOS SOLTEIROS, CASADOS E VETERANOS DO ZERÃO

¹⁵ A escolinha teve apoio até o ano de 2009, quando a SEDEL – Secretaria de Estado de Desportos e Lazer, retirou o apoio a Associação, alegando não ter recursos para atender as necessidades desse projeto.

O bairro Zerão foi criado em 1992, a partir da ocupação de áreas descampadas situadas a partir da parte de trás do Estádio Zerão. Em 1993, os moradores criaram a Associação dos Solteiros, Casados e Veteranos do Zerão, em um campo de terra batida situada atrás da principal igreja católica do bairro.

Seu primeiro presidente foi o senhor Hernandes Santos e como vice o senhor Marco Rodrigues. Seu objetivo inicial e principal era o de confraternização dos moradores , a partir da realização de campeonatos de inverno e verão durante o dia, devido a falta de iluminação no campo.

No ano de 2001 foi construída a arena – que também foi a primeira arena da cidade (Figura 02) – pelo então prefeito João Henrique Pimentel¹⁶, com o objetivo de organizar os espaços de práticas esportivas e garantir a realização de torneios mesmo no inverno mais rígido, dando prioridade quase que total ao futebol. O campeonato de inverno continuou com uma estrutura melhor e hoje tem 48 times participantes de toda a cidade divididos em chaves e depois jogos eliminatórios, o famoso mata-mata na linguagem do futebol.

¹⁶ João Henrique Pimentel é engenheiro civil de formação e estabeleceu um padrão de substituição dos tradicionais campinhos de pelada por arenas ditas poliesportivas, com um campo em dimensões quase oficiais, devidamente cercada e gradeada, cujo controle de horários e despesas eram feitos pelo presidente da Associação de Moradores do bairro, ou, no caso do Zerão, do presidente da Associação de Casados, Solteiros e Veteranos do Zerão.



Figura 02: Imagem noturna da Arena do Zerão
Fonte: Pesquisa de Campo, 2013-2014.

A Associação trabalha com alguns projetos sociais a partir da arrecadação de alimentos, tanto durante os campeonatos de inverno, como também dos veteranos para serem distribuídos na comunidade. Neste sentido, a associação tem uma ótima relação com a comunidade, pois quando algum problema de saúde atinge alguém da comunidade, a Associação realiza bingos beneficentes e outras atividades na arena que movimentam os seus membros e o restante da comunidade.

A Associação encontra-se em atividade o ano inteiro, tendo inclusive campeonatos femininos, sob o comando do presidente Josiel Lima.

Existe também a escolinha da associação, que se chama “Seu Bebeco” Futebol Clube, sob o comando do professor Cleuton Dantas, mais conhecido como “Cabeludo”. A escolinha funciona todos os dias da semana com jovens de 10 a 20 anos, onde estes participam de campeonatos da Federação Amapaense de Futebol – FAF representando o clube São José, equipe tradicional do estado. Uma outra característica da arena é a forte presença da economia informal durante os campeonatos, onde donos de lanchonetes e vendedores ambulantes conseguem o sustento da família.



Figura 03: Imagem diurna da Arena do Zerão
Fonte: Pesquisa de Campo, 2013-2014.

A associação se mantém atualmente com alguns colaboradores, empresários de uma rede de supermercados da capital e uma empresa de eletrodomésticos. Não há investimento do poder público, nem municipal e nem estadual.

4.4 ASSOCIAÇÃO DOS SOLTEIROS E CASADOS DO BAIRRO DO TREM

A Associação dos Solteiros e Casados do Bairro do Trem , uma das mais antigas – por se localizar em um bairro tradicional, foi fundada em 1950, pelo senhor de apelido “Biroba”.



Figura 04: Copa do Mundo Marcílio Dias – Campo dos Escoteiros/Trem
Fonte: Associação de Solteiros e Casados do Bairro do Trem.

Uma das mais tradicionais competições do futebol pelada, a “Copa do Mundo Marcílio Dias” começou em 1962, no campo dos escoteiros Marcílio Dias, que era o seu escoteiro mais ilustre.

Os fundadores da Copa do Mundo Marcílio Dias foram os senhores “Biroba” e Jose Maria Gomes Teixeira, mais conhecido como “Manga”, figura bastante conhecida do bairro do Trem, outrora o centro da cidade.

A competição foi inspirada na copa do mundo do Chile de 1962, onde a seleção brasileira tornou-se bicampeã. O formato da copa era semelhante ao da organizada pela FIFA, com 16 “seleções” e de quatro em quatro anos.

A partir de 1978, a competição passou a ser disputada na praça Nossa Senhora da Conceição em um campo feito pelo então governador Annibal Barcellos e passou a ser disputada anualmente .



Figura 05: Banner histórico da Copa do Mundo Marcílio Dias.
 Fonte: Associação de Solteiros e Casados do Bairro do Trem.

Atualmente, a copa está sendo disputada por aproximadamente 146 seleções, variando de cinco a mais ou a menos por ano, atingindo toda a capital, seus distritos e alguns municípios. Mais organizada e com apoio amplo do poder público, a copa também conta com uma rádio – Latitude Zero – onde todos os jogos são transmitidos.

A copa vai de agosto a dezembro de cada ano, tendo também um projeto social que se chama “esporte, leitura e religião” que atinge jovens e adultos em situação de risco social, não só do bairro, mas sim das cercanias e de quem os procuram para ser auxiliados. Este projeto conta com médicos, psicólogos e professores, tendo como grande patrocinador uma grande rede de supermercados da cidade. Outro ponto da copa é o mercado informal, fomentado no período da copa com os vendedores ambulantes, com uma média de 100 vendedores ambulantes que se cadastram e participam durante o campeonato.

5 CONCLUSÃO

Nossa pesquisa aponta que na perspectiva do futebol amador presente na cidade de Macapá, formar atletas para o futebol profissional é a grande função deste futebol praticado nas arenas e campinhos, mas que, com o abandono do poder público se vê relegado apenas aos espaços de interação e de busca pela sobrevivência dos mesmos, já que estes espaços construídos acabam por se tornar os principais centros de socialização do lugar, é

importante ressaltar que os espaços onde as arenas são criadas, geralmente já eram ocupados para a prática do futebol, pelos moradores locais. O que acontece depois é que o estado oficializa a doação do espaço, e propaga como política de incentivo a prática esportiva e espaço de socialização nos bairros pesquisados. Porém esse tipo de ação na verdade tira a responsabilidade do estado, e repassa para as associações, que assumem a responsabilidade de administrar as arenas, mas sem nenhum incentivo institucional. Diversas vezes fazendo as arenas passarem alguns meses sem administradores, pois a responsabilidade delegada às mesmas torna inviável para a maioria dos moradores assumir. Na verdade, o que faz os moradores assumirem essa responsabilidade é a sensação de pertencimento ao local, a identidade com os seus bairros, fazer parte de uma comunidade e que mesmo sem apoio do governo, eles não deixarão o espaço, muitas vezes criados por seus pais, esvaziarem.

Nesta perspectiva, passamos a perceber um processo de estigmatização por parte dos agentes do estado sobre as comunidades mais distantes, o que se configura em uma relação centro-periferia de forma bem direta, pois quando foi analisada a pesquisa de campo, vimos que a última arena pesquisada – neste caso a do bairro do Trem – recebe apoio governamental e da igreja, além do apoio dos grandes comerciantes locais, ao passo que a arena mais distante, neste caso a do Brasil Novo, não recebe a devida atenção do poder público, e que sazonalmente, pode contar com incentivo de pequenos comércios locais que não suprem as necessidades totais do espaço, e impedindo a prática das atividades durante algum tempo por falta de estrutura, e isto acarreta no aumento da criminalidade do lugar, uma vez que já foi provado cientificamente que a prática esportiva é um importante fator na redução da criminalidade dos grandes centros e que não deixa de ser uma forma importante de socialização e educação.

Diante do pesquisado, concluímos que mesmo sendo o esporte um importante instrumento de socialização, sem o devido apoio do estado, que usa as arenas como espaços para propaganda de sua administração, o mesmo atua apenas como um mero paliativo na redução de índices de risco social, mas não trabalha as possíveis potencialidades de desenvolvimento local e tampouco atua como um fomentador na formação de uma consciência esportiva, o que se torna ainda mais grave ao constatarmos que no mesmo país que sediará a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos ainda encontramos rincões profundos de ausência esportiva, nos relegando apenas a pelada como instrumento de congregação social.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, G. **História do futebol em Pernambuco**. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

COUCEIRO, S. C. **Artes de viver a cidade: conflito e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife dos anos 1920**. 2003. 320 f.. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife, 2003.

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**. Porto Alegre, v.9, n.2, p.129-156, 2003.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994, vol. 1 e 2.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1990.

GILROY, P. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

_____. **Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

HOBBSBAWN, E. J. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSBAWN, E. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2013.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

JESUS, G. M. de. Considerações Teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol. **Scripta Nova** – Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais (ISSN 1138-9788),

n.69(23), Universidad de Barcelona, agosto/2000. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-69-23.htm>

LOPES, J. S. L. Futebol ‘mestiço’: história de sucessos e contradições. **Ciência Hoje**, 1998. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/images/ch%20online/especial/futebol/artigo1.rtf>>. Acesso em: 27 de outubro de 2008.

MAXIMO, J. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 37, 1999, p. 179-188. Disponível em: <http://www.scielo.br>

MELO, V. A. de. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Relume Dumará, FAPERJ, 2001

MORAIS, P. D. e ROSARIO, I. S. do. **Amapá: De capitania a Território**. Macapá, 1999.

NEGREIROS, P. J. L. de C. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, Editora UFPR, n. 39, p. 121-151, 2003. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/2727/2264>>. Acesso em: 27 de outubro de 2008.

PEREIRA, H. R. **A crise da identidade na cultura pós-moderna**. Mental. 2004, vol.2, n.2, pp. 89-100.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ROBERTSON, R. **Globalização: teoria social e cultura global**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

RODRIGUES, E. P. **Enciclopédia do Amapá**. Macapá: ed. inédita, 2002.

SANTOS, F. R. **História do Amapá**. ed. rev. Gráfica e editora Valcan Ltda. Macapá, 2003.

SANTOS NETO, J. M. dos. **Visão do Jogo**: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SCHAFF, A. **A sociedade informática**. 4 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

SILVA, T. T. (org.); WOODWARD, K.; HALL, S. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. São Paulo: Vozes, 2004.